

**“Será que eles sabem que antes dos avós deles chegarem, nós já andávamos por esse território, quando ele ainda era floresta?”: o sentimento de desterro como força motriz na luta por direitos<sup>1</sup>**

Kally Cassiani Costa Trevisan<sup>2</sup>, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luisa Tombini Wittmann<sup>3</sup>, Sarah Jéssica Vela<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “A revolta do olhar: concepções de história na narrativa audiovisual Guarani”

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em História – FAED – Bolsista PIBIC/UDESC

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de História – FAED – luwittmann@gmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em História – FAED

O projeto de pesquisa “A revolta do olhar: concepções de história na narrativa audiovisual Guarani” objetiva analisar obras audiovisuais produzidas por indígenas da etnia Mbyá-Guarani, especialmente obras produzidas pelo Coletivo Mbyá-Guarani, em busca de compreender quais as concepções de História presentes em suas narrativas, por que eles utilizam o audiovisual como uma ferramenta de luta e qual sua importância para a oralidade presente em suas cosmogonias e culturas. No último ano, o grupo decidiu em conjunto, orientado pela Dra. Luisa Tombini Wittmann, que a pesquisa fosse ampliada para outros grupos que vivem no Estado de Santa Catarina além dos Mbyá-Guarani, passando a incluir entre as fontes analisadas as obras feitas por ou em diálogo com os Laklãnõ-Xokleng. A partir do aporte teórico e metodológico decolonial, as produções fílmicas, em grande maioria produzida pelos próprios indígenas, mostram essas populações em evidência: seus relatos, histórias e sua ancestralidade, representados como agentes históricos e protagonistas de suas narrativas, contadas por eles mesmos. Desenvolvida no âmbito do AYA Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais (FAED-UDESC), com esta pesquisa buscamos refletir sobre as obras a partir de autores indígenas e não-indígenas, sobretudo inseridos no campo de estudos pós-coloniais e decoloniais, além de trabalhos de conclusão de curso escritos por indígenas acerca dos temas investigados.

Ao narrar suas próprias histórias, grupos indígenas tecem outros tipos de perspectivas acerca de temporalidade, historicidade, território e espiritualidade. Em relação à linguagem, utilizam-se do audiovisual a sua própria maneira, de modo diferente do cinema não-indígena: primeiro como evocação de suas forças espirituais, segundo para apropriar-se do direito de contar suas histórias sem interferências não-indígenas, preservando o que consideram de maior valia para a manutenção de seus modos de vida tradicionais. Sabemos que, para a plena manifestação dos modos de existir indígenas, é imprescindível a garantia de demarcação dos seus territórios ancestrais e originários, direito conquistado pela articulação política de povos indígenas e garantido pelos Artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988.

Ainda que exista a garantia constitucional, a luta dos povos indígenas segue firme contra ameaças constantes aos seus territórios e aos direitos conquistados - sejam essas ameaças à integridade dos povos, ou jurídicas, exemplificadas pela tese do Marco Temporal. Como demonstram as obras audiovisuais em análise, essa luta se desenrola nos dias atuais e articula historicamente questões do passado e do presente. A partir da seguinte pergunta, do diretor mbyá Ariel Ortega, em seu filme Desterro Guarani (2011), buscamos compreender suas narrativas históricas que criam concepções outras acerca do passado, costurando temporalidades e articulando essas perspectivas históricas com a luta dos povos indígenas hoje: “Será que, quando

os brancos veem essa placa [onde lê-se Aldeia Guarani] eles pensam que a gente sempre esteve aqui, neste mesmo lugar? Ou será que eles entendem que muito antes dos avós deles chegarem, nós andávamos por este vasto território enquanto ele ainda era floresta?” Dando título ao filme, o sentimento de desterro é unanimidade entre os povos indígenas que vivem no Brasil. Ao exprimir esse sentimento, Ariel Ortega revela sentir-se como “um estrangeiro em seu próprio território.” Já compreendemos, em outras fases da pesquisa, que os Guarani Mbyá se voltam às suas práticas tradicionais para invocar a resiliência de seus ancestrais. Tais práticas assumem, nos dias atuais, caráter político e de luta por direitos, fazendo do sentimento de desterro sua força motriz na luta pela retomada de suas identidades e territórios.

Indissociavelmente unindo Ensino, Pesquisa e Extensão, as reflexões desta pesquisa foram apoiadas por referências teórico-metodológicas discutidas no Grupo de Estudos do AYA Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais (FAED-UDESC). O desenvolvimento da pesquisa “A revolta do olhar: concepções de história na narrativa audiovisual Guarani” foi concomitante, por exemplo, à produção de material didático extensionista pelo Projeto Narrativas Africanas e Indígenas e o Ensino de História. As reflexões geradas neste projeto voltado à educação, portanto, colaboram com esta pesquisa, posto que é composto de proposições de análises de fontes indígenas e africanas em sala de aula através do formato de aulas-oficinas, visando qualificar o trabalho do professor e contribuir para a implementação adequada da Lei Federal 11.645/08, que torna obrigatório o ensino de História Indígena nas escolas brasileiras. Com o intuito de divulgar outros trabalhos, leituras, peças artísticas dentro do campo de estudos pós-coloniais e decoloniais, o site AYA Biblioteca é alimentado com estas e outras produções extensionistas realizadas no âmbito do AYA Laboratório. Os materiais estão disponíveis para acesso em: <https://ayalaboratorio.com>.

**Palavras-chave:** Historia Indígena, Audiovisual Guarani, Decolonialidade